



PORTUGUESE A1 – HIGHER LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A1 – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A1 – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1

Tuesday 3 May 2005 (morning)

Mardi 3 mai 2005 (matin)

Martes 3 de mayo de 2005 (mañana)

2 hours / 2 heures / 2 horas

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a commentary on one passage only.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- Rédigez un commentaire sur un seul des passages.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un comentario sobre un solo fragmento.

Faça o comentário de **um** dos textos seguintes:

1. (a)

Mensagem Do Terceiro Mundo

Não tenhas medo de confessar que me sugaste o sangue
e engravataste chagas no meu corpo
e me tiraste o mar do peixe e o sal do mar
e a água pura e a terra boa
5 e levantaste a cruz contra os meus deuses
e me calaste nas palavras que eu pensava.

Não tenhas medo de confessar que te inventaste mau
nas torturas em milhões de mim
e que me davas só o chão que recusavas
10 e o fruto que te amargava
e o trabalho que não querias
e menos de metade do alfabeto.

Não tenhas medo de confessar o esforço
de silenciar os meus batuques
15 e de apagar as queimadas e as fogueiras
e desvendar os segredos e os mistérios
e destruir todos os meus jogos
e também os cantares dos meus avós.

Não tenhas medo, amigo, que te não odeio.
20 Foi essa a minha história e a tua história.
E eu sobrevivi
para construir estradas e cidades a teu lado
e inventar fábricas e Ciência,
que o mundo não pode ser feito só por ti.

Fernando Sylvan (Timor), *A Voz Fagueira de Oan Timor* (1993)

1. (b)

Uma madrugada abalei o corpo à rua para me pertencer nos sangues da serra que cheira a lobos. Ainda há lobos aqui no Alentejo¹. Lobos de solidão que cheiram as portas à procura da carne dos homens. Não tenho pais, morreram com os lobos há muitos anos, não sei dizer os anos, não conheço os anos, apenas sei o cheiro, a epiderme e o movimento deles. E eu existo frio, 5 tapo-me no vento que entra pelas frinchas da porta rasgada com buracos assassinados, assim me amparo da vida. E eu existo calma, atiro o quente noite adentro, estrelas e luas – são sombras de suor entranhado que batem na árvore e voltam à cama. E vou sonhando raposas, ontem matei uma. Eu como os sonhos, eu engulo sonhos; eu engulo os dias: acartar lenha, fazer o lume, assar a carne, quando a há, mondar, debulhar, arranjar as bestas para a eira do compadre lá muito, muito 10 em baixo, e descer a serra – uma vez talvez por mês, se calhar é um ano, mas o que é o ano? -, ver a pessoa compadre Justino, limpar-lhe o curral de ovelhas, beber a venda. (...)

Os meus pais partiram no tempo em que o mundo foi criado. A minha mãe partiu numa noite de lobos. Nessa noite, uma alcateia esfomeada manifestando rumores nas folhas caídas da terra veio à procura de ovelhas no curral. A minha mãe, por essa hora, cosia umas meias velhas 15 do meu pai. O galo cantou. O meu pai – estranho no facto – dirigiu-se à porta da rua, assomando a cabeça ao ar da noite, e meteu-se logo para dentro. Depois, foi pôr-se ao pé da minha mãe, tomando por garantidas as trevas do canto: «*Maria, o galo cantou mais cedo do que o costume. Costumam dizer que quando um galo canta fora de horas morre uma pessoa.*» A minha mãe, enleada nas coseduras, não deu importância à conversa, embora resmungasse qualquer coisa. O 20 meu pai conduziu-se à arramada das vacas, pois tinha-se esquecido de lhes dar de comer e de lhes fazer a cama com palha. Não levou dez minutos nestes trabalhos; e, no regresso a casa, a minha mãe estava morta, prostrada junto à janela de ferro a ferver com água ao lume. Os lobos lá fora uivaram, num sinal de tristeza repartida. O meu pai, logo nessa noite, levou a enterrar a minha mãe. Abriu uma cova junto à casa. Os lobos, encostados ao curral das ovelhas, gemiam uivos, 25 descobrindo as orelhas tristes e os focinhos amansados. Não apresentavam lances ameaçadores, nem esperavam sagazes as presas como as raposas. Antes, sentados na mágoa, seguiam o meu pai, encaravam receios no olhar.

O meu pai morreu, alguns dias após a desfeita da minha mãe. Morreu de tristeza – o corpo afogado no desejo do seu regresso. (...)

30 Ferro-me a dormir mais e mais naquela sombra esquelética de terra, a terra, a nódoa negra dos homens abandonados. A sombra de terra é o pão duro de cada dia. A terra de palha sofre o fim enlouquecido da ausência, os lobos de inverno pejados de figuras invisíveis, os lobos de verão pejados de figuras invisíveis. Penso o tempo calado, não sei ovelhas porque partiram no sangue dos lobos, não sei laranjas porque o tempo anda faminto nos olivais velhos a morrerem 35 de parques, não sei compadre, não sei comadre, não sei a existência harmoniosa, não sei gente que morava paredes meias, não sei pai, nem sei mãe, não sei pezinhos no sapatinho. Amanhece a luz todos os dias, todos os dias o mesmo ritual cancelando as esperas da voz, afagos, semblantes e respirações.

40 Uma madrugada abalei o corpo à terra para me pertencer nos sangues da serra que cheira a lobos.

Antonieta Preto (Portugal), «Lobo», in *Chovem Cabelos na Fotografia* (2004)

¹ Alentejo: região do sul de Portugal marcada pela pobreza das gentes e da terra.